

Caros amigos

Foi simplesmente ridícula e sem conteúdo a "apresentação" dos ministros Miguel Rossetto e José Eduardo Cardozo, dando resposta à estrondosa manifestação da sociedade em repúdio ao governo que representam e ao partido que os abriga.

Tiveram o caradurismo de anunciar, de boca cheia, que a governanta Dilma Rousseff está para anunciar "firmes medidas" de combate à corrupção. Logo ela, cuja inclusão entre os denunciados do mais escabroso caso de desvio de recursos públicos da história é, aparentemente, apenas uma questão de tempo.

Por outro lado, as "medidas" a serem anunciadas dificilmente atenderão às expectativas da população, já que serão o mesmo que aceitar as sugestões de uma raposa para prevenir o roubo dos ovos e das galinhas do galinheiro!

Os jograis da corte petista tentaram ainda encantar a platéia com a cantilena do "diálogo com a sociedade". Mas a que tipo de diálogo estará disposto um governo que ameaça a sociedade com a violência de um "exército" como o do Stédile e que tem como modelo e meta a democracia bolivariana, praticada "até a demasia", por Nicolás Maduro, na Venezuela?

No último domingo, o mundo assistiu à maior demonstração de repúdio a um governo jamais vista em Terras de Santa Cruz, no entanto, para o divertido Sr Rossetto, os protestos, embora legítimos, envolveram apenas as pessoas que não votaram em Dilma, o que, pelo gigantismo do efetivo envolvido, em comparação com a infimidade do grupo de mercenários reunidos dois dias antes para apoiá-la, permite associar a afirmação à suspeita de que tenha realmente havido fraude na eleição que a manteve no poder!

Para o prestidigitador Rossetto, são ilegítimos o golpismo, a intolerância e o impeachment que, agora, agridem a democracia, todavia, se perguntado sobre a legitimidade de outros movimentos, tipo "Fora Collor" ou "Fora FHC", liderados por seu partido, obviamente, pela rapidez da manipulação retórica, burlando a atenção da coerência, afirmaria o contrário.

Cardozo, no papel de "porquinho bufão", elogiou, admirado, vis-a-vis do comportamento antagônico registrado nos movimentos do seu partido e do "exército de gafanhotos" do Stédile, a legalidade e o respeito com que foram realizadas as manifestações que o levaram, às pressas, à presença da apreensiva governanta, para "bolar" um roteiro para a patética "performance" que ele e seu parceiro de ministério desempenharam na tarde de domingo.

Contrariando seu "dupla", o Sr Cardozo afirmou que o Brasil está muito longe de golpismos e que o governo está atento e disposto a ouvir a voz das ruas e o som das panelas, em contraste, segundo ele, com a cultura adquirida no período dos governos militares, há cinqüenta anos, esquecendo (?) de comparar a liberdade de opinião, ainda existente no Brasil, à truculência do modelo venezuelano que eles querem ver implementado por aqui.

Referindo-se à corrupção na Petrobras, largamente denunciada no Movimento Cívico de 15 de Março, em invejável ousadia, o acrobata das palavras, José Eduardo Cardozo, atribuiu ao governo, claramente envolvido e beneficiado pelo esquema, a responsabilidade pela "descoberta" da artimanha!

Chamou o sistema político-eleitoral vigente de porta de entrada para a corrupção no país. Obviamente que o fez com conhecimento de causa, porquanto foi por ela que o seu partido entrou, ficou e tornou exponencial o dreno dos recursos públicos que hoje são encontrados em todos o paraísos fiscais conhecidos e desconhecidos.

Se agora, que a vaca tossiu e está indo para o brejo, o governo está atento e disposto a ouvir a voz das ruas, aqui vai uma sugestão clara, precisa e concisa como devem ser os bons conselhos:

"Colaborem com as investigações em curso na Justiça e no Parlamento e revelem os crimes eleitorais e de corrupção de que têm conhecimento. Renunciem a seus cargos e respondam pelo que fizeram ou deixaram de fazer. Revelem o que sabem sobre a participação do seu "guia espiritual", Sr Lula da Silva, e da sua (dele) afilhada, Dilma Rousseff, nos ilícitos investigados e saiam, todos juntos, da vida pública nacional com o benefício da delação premiada"

Gen Bda Paulo Chagas

(\*) Jogral, o mesmo que divertido, burlesco ou risível, era o artista profissional que tanto atuava nas praças públicas, divertindo o público, assim como nos palácios senhoriais, neste caso assumindo o papel de bufão. Ganhavam a vida atuando perante o público, para recreá-lo com charlatanices ou com prestidigitações, acrobacias e mímicas.